

DICIONÁRIO TRILÍNGUE DE TURISMO: LEVANTAMENTO E DEFINIÇÃO DAS ATIVIDADES RECREATIVAS AQUÁTICAS

Patrícia Lais Ramos Santos

Diego Henrique da Conceição Santana

Ivanir Azevedo Delvizio

RESUMO: Este trabalho é o resultado de uma pesquisa científica, com apoio da Fapesp (processo 2015/12321-1), que tem como objetivo a elaboração de definições dos termos relativos às atividades recreativas desenvolvidas em ambiente aquático, pretendendo assim, contribuir para a elaboração de um Dicionário Trilíngue de Turismo (Português-Inglês-Espanhol). Neste artigo, é apresentada uma revisão teórica sobre a relação entre o lazer e o turismo, destacando o papel das atividades físicas de lazer e recreação. Também é apresentada uma revisão sobre os preceitos teóricos e metodológicos da Terminologia e da Terminografia que devem ser aplicados no processo de confecção de um dicionário terminológico. Por fim, são descritas e ilustradas todas as etapas metodológicas realizadas no processo de redação das definições dessas atividades e no processo de identificação dos termos equivalentes em Inglês e em Espanhol.

Palavras-chave: Atividades Recreativas Aquáticas; Dicionário Trilíngue de Turismo; Terminografia.

ABSTRACT: This work is the result of a scientific research, funded by Fapesp (process 2015/12321-1), which aims at writing the definitions of terms relating to recreational activities carried out in aquatic environments, in order to contribute to the elaboration of a Tourism Trilingual Dictionary (Portuguese-English-Spanish). This paper presents a theoretical review on the relation between leisure and tourism, highlighting the role of physical recreational and leisure activities. It is also presented a review on the theoretical and methodological foundations of Terminology and Terminography which should be applied to a terminological dictionary creating process. Finally, all the methodological stages carried out to write activities definitions and identify English and Spanish equivalents are described and illustrated.

Keywords: Water Recreational Activities; Tourism Trilingual Dictionary; Terminography.

INTRODUÇÃO

A atividade turística destaca-se atualmente como grande geradora de divisas, possuindo um enorme potencial a ser desenvolvido. A cada dia surgem novos nichos de mercado a serem explorados e outros se consolidam, tais como: turismo rural, turismo náutico, turismo de negócios e eventos, turismo de estudos e intercâmbio, turismo de saúde, turismo de sol e praia, turismo de pesca, turismo de esporte, ecoturismo, turismo de aventura e outros. Além disso, o turismo mobiliza e impulsiona vários setores da economia, como, por exemplo, transportes, agências

de viagens, meios de hospedagem, serviços de alimentação, eventos, serviços receptivos, lazer e entretenimento, enfim, um complexo de atividades que lhe estão direta ou indiretamente relacionadas.

Segundo Avena (2006, p. 178-179), para o bacharel em turismo, além de uma formação ampla, que contemple o turismo em toda sua complexidade, “é importante o conhecimento de no mínimo uma língua estrangeira em que possa se expressar e compreender fluentemente”. O conhecimento da língua estrangeira pelo profissional do Turismo passa obrigatoriamente pelo domínio da terminologia técnica utilizada em sua área de atuação. Além da terminologia em português, também é necessário que os profissionais conheçam os termos equivalentes usados em línguas de grande projeção mundial, como o Inglês e o Espanhol, por exemplo.

Diante desse cenário, o estudo, organização e definição dos termos usados na área do turismo e a identificação dos termos equivalentes em línguas estrangeiras de grande projeção tornam-se importantes no sentido de contribuir para a comunicação e intercâmbio de informações em âmbito nacional e internacional. Nesse contexto, desenvolve-se um projeto de pesquisa que visa à elaboração de um Dicionário terminológico trilingue de turismo (Português-Inglês-Espanhol), com apoio da Fapesp (processo 2014/11418-9). O dicionário em elaboração tem como língua de partida o Português, na qual as definições são redigidas, e tem como línguas alvo o Inglês e o Espanhol, com a indicação dos equivalentes. A escolha dessas duas línguas deve-se a sua grande importância na comunicação internacional e ao grande número de turistas recebidos no Brasil provenientes de países de Língua Inglesa e Espanhola.

Como o turismo é um domínio muito amplo, envolvendo vários segmentos, diferentes áreas do conhecimento e diversos tipos de serviços, a pesquisa vem sendo desenvolvida por meio de subprojetos que têm como objeto de estudo conjuntos de termos de determinados subcampos.

Como forma de contribuir para a elaboração do dicionário, está em desenvolvimento um este subprojeto de pesquisa, também financiado pela Fapesp (processo 2015/12321-1), que tem como objetivo redigir as definições dos termos do campo *Atividades recreativas e esportivas*, mais especificamente dos termos relativos às atividades aquáticas.

Em relação a esse conjunto de termos, por meio da consulta a seis dicionários e glossários na área do Turismo disponíveis no mercado, observou-se que muitos deles não estavam registrados nessas obras, tais como: *acqua-ride*; *duck* (*caiaque inflável*); *hidrospeed*; *kitesurfe*; *mergulho autônomo recreativo*; *flutuação*; *stand up paddle* e *wakeboard*. Isso nos fez perceber que esse subcampo não tem sido devidamente explorado e atualizado pelas obras do gênero, justificando ainda mais nosso trabalho de levantamento e tratamento desse conjunto terminológico.

O artigo está organizado em três partes: na primeira, as atividades recreativas e esportivas são situadas no contexto do lazer e do turismo; na segunda, discorre-se sobre os preceitos teóricos e metodológicos da Terminologia, que é a disciplina científica em que se alicerçam o estudo dos termos e a elaboração de dicionários terminológicos; na terceira, mostramos os resultados da aplicação dos procedimentos metodológicos da Terminologia ao estudo do conjunto de termos relativos às atividades aquáticas e à elaboração de suas definições.

LAZER, TURISMO E AS ATIVIDADES ESPORTIVAS E RECREATIVAS

O termo “lazer”, do latim *licere* (ser lícito, ser permitido), surgiu na civilização greco-romana como uma oposição ao trabalho. Segundo relata Camargo (1998, p. 27), “o ideal do cidadão livre, tanto em Atenas como em Roma, até a consolidação do cristianismo, era a plena expressão de si mesmo nos planos físico, artístico e intelectual.”

Em sentido contrário a esse ideal de lazer e liberdade, a evolução das sociedades e de seus modos de produção, passando por diferentes momentos históricos, foi criando ao homem cada vez mais restrições e obrigações em relação ao trabalho, política e família (MARCELLINO, 2001, p. 5). Especialmente em relação ao primeiro aspecto, nossa história é marcada pelas longas jornadas e situações de exploração do trabalhador.

Em vista disso, também por um longo processo histórico, houve a necessidade de estabelecimento de um “tempo livre”, ou seja, o tempo liberado de obrigações profissionais, familiares, religiosas e sociais para o aproveitamento de

atividades escolhidas pelo indivíduo que despertassem sensações como descanso e divertimento, tornando, assim, esse tempo livre em “tempo de lazer”.

O lazer é definido por Dumazedier (2004), teórico muito recorrente em diferentes obras sobre esse tema, como:

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 2004, p. 34).

Dentro desse “conjunto de ocupações” mencionado por Dumazedier (2004) destaca-se o turismo.

Na concepção de Marcellino (2002, p. 74), por exemplo, “[...] o turismo pode e deve ser entendido como uma atividade cultural de lazer; oportunidade de conhecimento, de enriquecimento da sensibilidade, de percepção social e experiências sugestivas.”

Bacal (2003, p. 103), por sua vez, considera o turismo como um “propagador” do lazer, apresentando-se como um “espaço propício para ao desempenho de atividades não impostas e para o estabelecimento de ‘relações gratuitas”’.

Nessa mesma linha, Villaverde (2003) entende a relação entre turismo e lazer como um campo de experiências humanas privilegiadas junto aos processos de constituição de subjetividades, pois oferece possibilidade de exercitar e intensificar uma relação renovada consigo mesmo, com a cultura e com a alteridade.

Carvalho (2002, p. 18) distingue os conteúdos do lazer em seis áreas essenciais: “interesses artísticos, os intelectuais, os físicos, os manuais, os turísticos e os sociais”. As atividades de lazer físicas podem incluir desde modalidades mais leves como *observação de pássaros, caminhadas e ciclismo* até as mais radicais como *rapel, surf e boia-cross*.

As atividades físicas podem estar inseridas em diversos segmentos turísticos, especialmente no ecoturismo, turismo de aventura, turismo de esportes e turismo rural. Em todos eles, busca-se o lazer e o entretenimento, mas cada um possui suas finalidades específicas. No próximo tópico, serão analisadas as

diferentes abordagens desses segmentos turísticos em relação às atividades físicas de lazer.

AS ATIVIDADES DE LAZER SOB DIFERENTES PERSPECTIVAS

O ecoturismo é o “segmento da atividade turística que utiliza de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações” (BRASIL, 2010a, p. 17).

O Turismo de Aventura, por sua vez, refere-se aos “movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo” (BRASIL, 2006, p. 39). Embora possa ser desenvolvido em ambientes urbanos e construídos, o turismo de aventura geralmente é ofertado em ambientes naturais, mantendo relações com o ecoturismo e confundindo-se com ele em algumas ocasiões. Por outro lado, o ecoturismo também pode envolver algumas atividades de aventura.

Segundo Buckley e Uvinha (2011, p. 3), as atividades de ecoturismo enfocam a observação, conservação e conscientização, e as de turismo de aventura, a ação. Além disso, as sensações transmitidas por esses dois segmentos se distinguem pela oferta diferenciada de ambos, com risco mais elevado nas atividades do segmento de turismo de aventura e risco mais baixo nas atividades de ecoturismo. Assim, uma atividade como a *observação de baleias*, por exemplo, poderia ser descrita tanto como uma experiência de turismo de aventura quanto de ecoturismo, dependendo da ênfase e do valor que o observador deseja transmitir (SWARBROOKE et al., 2003. p. 21).

Existe também certa confusão entre o turismo de aventura e o turismo de esportes. Enquanto que o primeiro compreende a prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo, o turismo de esportes pode compreender “as atividades turísticas decorrentes da prática, envolvimento ou observação de modalidades esportivas” (BRASIL, 2006, p. 3). Essas modalidades se referem a atividades esportivas praticadas com base em regras e normas, cujo principal elemento é a competição, diferentemente do turismo de aventura, que visa a

atividades com caráter recreacional e não competitivo. Segundo o Guia de Orientações Básicas do Turismo de Aventura, elaborado pelo Ministério do Turismo, “uma pessoa pode fazer um passeio de *rafting* com um grupo de pessoas (Turismo de Aventura)” ou, “se essa pessoa for um esportista, poderá praticar o *rafting* em competições da categoria (esporte de aventura)” (BRASIL, 2010, p. 64).

No caso do turismo rural, a diferença está na motivação do turista. Enquanto que no turismo de aventura o turista tem como objetivo a realização da atividade em si, no turismo rural ele é motivado pela fuga do meio urbano, em busca da tradição, cultura e do modo de viver do campo (BRASIL, 2010, p. 65).

O principal elemento na diferenciação desses segmentos do turismo se dá principalmente na finalidade da realização das atividades. O ecoturismo faz uso da atividade com fins de contemplação e conscientização; o turismo de esporte pode se referir tanto à observação quanto à prática de atividades competitivas; o turismo de aventura tem como foco a prática da atividade, mas de forma recreativa e não competitiva, com riscos controlados e em busca da sensação de aventura; o turismo rural vale-se de atividades para explorar o modo de viver no campo. Uma mesma atividade, portanto, pode estar inserida em um ou mais segmentos, dependendo da ênfase que se deseja proporcionar.

Dentro do contexto do turismo de aventura, conforme se verificou na literatura existente, as atividades são tradicionalmente classificadas de acordo com os três elementos da natureza (terra, ar e água). Segundo Betrán e Betrán (1995, p. 114, tradução nossa), essa tradição remonta à Grécia clássica:

[...] a maioria dos estudos realizados se baseavam no meio natural no qual se desenvolviam tais atividades, estabelecendo como norma diferencial os três grandes meios ou entornos que diferiam claramente quanto a sua estrutura física, e que já alguns filósofos da Grécia clássica, como os presocráticos e Aristóteles, indicavam como “a origem de todas as coisas”. Nos referimos a terra, o ar e a água, dividindo esta última nas que se realizavam no mar ou no rio.

Entretanto, algumas dessas atividades podem envolver ao mesmo tempo mais de um elemento e ocorrer em diversos tipos de ambiente: fechados, ao ar livre, em espaços naturais ou construídos (BRASIL, 2010b, p. 18). Entre as atividades mais comuns, destacam-se:

- **Terra:** arvorismo; bungee jump; cachoeirismo; canionismo; caminhada; caminhada (sem pernoite) ou hiking; caminhada de longo curso ou trekking; cavalgadas ou turismo equestre; cicloturismo; espeleoturismo; espeleoturismo vertical; escalada; montanhismo; turismo fora-de-estrada em veículos 4x4 ou bugues; tirolesa.
- **Ar:** balonismo; paraquedismo; voo livre (asa delta ou parapente).
- **Água:** acqua-ride; canoagem; duck; flutuação/snorkeling; kitesurfe; mergulho autônomo turístico; rafting; windsurfe; bóia-cross e esqui aquático.

Embora essa classificação tripartite (terra, ar e água) tenha sido observada em materiais que tratavam especificamente das atividades de aventura, esse critério foi adotado nesta pesquisa para organizar as atividades esportivas e recreativas de diferentes naturezas contempladas pelo dicionário.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA TERMINOLÓGICA

A Terminologia é uma disciplina científica que estuda os conjuntos de palavras que designam conceitos de um determinado campo do saber, os termos, também chamados de unidades terminológicas.

Além de uma dimensão teórica, a Terminologia possui também uma dimensão aplicada, voltada à produção de glossários e dicionários terminológicos. Essa face aplicada denomina-se Terminografia, sendo definida por Boulanger (2001) como

trabalho e técnica que consiste em recensar e em estudar termos de um domínio especializado do saber, em uma ou mais línguas determinadas, considerados em suas formas, significações e relações conceituais [...], assim como em suas relações com o meio socioprofissional (BOULANGER, 2001, p. 13).

A pesquisa terminológica pode ter uma abordagem bilíngue ou multilíngue, que consiste no estudo comparado de termos pertencentes a duas ou mais línguas para identificação de equivalentes (RONDEAU, 1984, p. 32), auxiliando, principalmente, o trabalho de tradutores técnicos e científicos e facilitando o

intercâmbio de informações entre especialistas falantes de línguas diferentes (VEGA, 1996, p. 65).

Em relação a sua metodologia, a pesquisa terminológica inicia-se com o estudo do domínio sobre o qual se desenvolverá a pesquisa. Esse estudo preliminar oferece uma visão geral dos limites e fronteiras do domínio e ajuda a delimitar o conjunto de termos a ser analisado. Para isso, recomenda-se elaborar o sistema conceitual do campo que será objeto de trabalho e representá-lo graficamente. A ISO define sistema conceitual (mapa conceitual ou sistema de conceitos) como um “conjunto estruturado de conceitos construídos com base nas relações estabelecidas entre esses conceitos e no qual cada conceito é determinado por sua posição nesse conjunto” (ISO 1087, 1990, p. 4). Esse trabalho de sistematização, segundo Barros (2004, p. 219), ajuda a traçar o perfil do conjunto de termos e a resgatar as relações mantidas entre eles.

As pesquisas terminológicas atuais são baseadas em *corpus*. Por *corpus* compreendemos um “conjunto de enunciados escritos ou orais relativos ao domínio estudado e que são utilizados em um trabalho terminológico” (BOUTIN-QUESNEL, 1985, p. 26), ou seja, um conjunto selecionado de textos que possibilita a observação do uso real de cada termo, seus contextos e concordâncias.

Barros (2004, p. 9) explica que “o trabalho de análise do *corpus* consiste, fundamentalmente, na recolha das unidades terminológicas que devem constituir a nomenclatura e no levantamento dos dados relativos a elas”. Atualmente, com os recursos tecnológicos existentes, esse conjunto de textos podem ser armazenados em meio eletrônico e analisados de forma automática ou semiautomática” (BAKER, 1995, p. 225).

No caso da pesquisa terminológica bilíngüe ou multilíngüe, é necessário criar um *corpus* na língua de chegada equiparável ao *corpus* na língua de partida no que concerne à quantidade, qualidade e representatividade. Para um dicionário especializado bilíngüe Português-Inglês, por exemplo, seria necessário criar um *corpus* em Língua Portuguesa (língua de partida) e um *corpus* de mesma natureza em Língua Inglesa (língua de chegada), ou seja, deveria ser criado um conjunto de textos em Português e um conjunto de textos em Inglês dos quais os termos eos equivalentes seriam retirados.

Os termos, contextos e demais informações recolhidos do *corpus* são registrados em fichas terminológicas. A ficha terminológica “é um registro organizado e multidimensional de um conjunto de informações sobre um dado termo [...] Faz-se, assim, nessa ficha um verdadeiro dossiê sobre o termo, registrando-se todas as informações que sejam úteis, quer para a equipe de trabalho, quer para o futuro usuário dessas informações.” (KRIEGER E FINATTO, 2004, p. 154).

Com base nos contextos e informações registrados na ficha terminológica, identificam-se os traços semânticos (características) que descrevem e diferenciam o conceito em questão para, a partir deles, elaborar a definição terminológica.

No caso da pesquisa bilíngue ou multilíngüe, os contextos e definições da língua de partida são comparados com os contextos e definições coletados na língua de chegada, buscando-se encontrar neles traços semânticos (características) comuns que atestem a equivalência entre os termos, podendo haver casos de equivalência parcial e ausência de termos equivalentes devido às diferenças linguísticas e culturais.

O dicionário é composto por verbetes. O verbete do dicionário é constituído basicamente pela entrada, que é o termo que se define, e pela definição, que é o texto que contém o conjunto de informações que descrevem a entrada. Um ponto importante é manter-se certa constância no modo de organização das informações nos verbetes de uma mesma obra para garantir um padrão de qualidade.

No dicionário, há alguns termos que não são definidos. Nele há uma indicação para que o leitor busque a definição em outro termo que lhe é sinônimo. Trata-se do verbete remissivo, que remete o leitor a outro verbete, no qual se encontra a informação completa (verbetes principais). Além de remeter ao termo sinônimo, também se pode remeter o leitor de um verbete a outro de modo a acessar informações complementares ou relacionadas. A sistematização dessa rede de relações denomina-se sistema de remissivas. O verbete remissivo pode fazer a remissão de diferentes modos, por meio de expressões como: V. (ver), q. v. (queira ver), cf. (confronte, compare) e outras.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para o levantamento dos termos relativos às atividades esportivas e recreativas em Língua Portuguesa foi criado um *Corpus* de Turismo de Aventura em Português (CTAP) composto por 51 textos sobre turismo de aventura, incluindo normas da ABNT, manuais do Ministério do Turismo, publicações da Associação Brasileira de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA) e trabalhos acadêmicos. Também foram consultados dicionários de língua geral e especializados. O conjunto de termos selecionados foi subdividido basicamente em atividades de aventura na água, ar e terra. Foram levantados 44 termos relativos às atividades aquáticas (26 principais e 18 sinônimos/variante), que foram organizados em um sistema conceitual:

1. Atividades esportivas e recreativas

1.1 Atividades esportivas e recreativas aquáticas

- 1.1.1 Boia-cross, acqua-ride, acqua ride
- 1.1.2 Body-board, bodyboard, bodyboarding
- 1.1.3 Bodysurfe, bodysurf
- 1.1.4 Canoagem
 - 1.1.4.2 Caiaque oceânico, canoagem oceânica, seakayak
 - 1.1.4.3 Caiaque surfe, surf kayak
 - 1.1.4.4 Caiaque turístico, kayaktouring
 - 1.1.4.6 Duck, caiaque inflável
 - 1.1.4.7 Rafting
 - 1.1.4.8 Rafting em águas brancas
- 1.1.5 Esqui aquático, esqui
- 1.1.6 Hidrospeed
- 1.1.7 Jet ski, jet-ski
- 1.1.8 Kitesurfe
- 1.1.9 Mergulho
 - 1.1.9.1 Mergulho autônomo recreativo, mergulho recreativo, mergulho autônomo turístico
 - 1.1.9.2 Mergulho em caverna
 - 1.1.9.3 Mergulho noturno
 - 1.1.9.5 Mergulho profundo
- 1.1.10 Remo
- 1.1.11 Flutuação, snorkeling

- 1.1.12 Stand up paddle, SUP
- 1.1.13 Surfe, surf
- 1.1.14 Vela
- 1.1.15 Wakeboard
- 1.1.16 Windsurfe, prancha a vela

Para cada um desses termos, foi criada uma ficha terminológica na qual foram inseridos os dados em Português, Espanhol e Inglês. Cada ficha contém campos para o registro dos termos, definições e contextos em Português, Espanhol e Inglês. Esses dados foram extraídos do *corpus* trilingue e também de dicionários de língua geral e especializados. Por meio da comparação entre as definições e os contextos, foram identificados os equivalentes em Espanhol e Inglês. A título de exemplificação, segue abaixo a ficha terminológica preenchida do termo *boia-cross*:

PORTUGUÊS	
TERMO	Boia-cross
OUTROS TERMOS	Acqua-ride, acqua ride
CAMPO	Atividade de Aventura
DEFINIÇÕES	<p>“Boia-cross atividade praticada em um minibote inflável, onde a pessoa se posiciona de braços para descer o rio, com a cabeça na extremidade frontal da boia e os pés na parte final da boia, já praticamente na água. Também conhecida como acqua-ride.” (CTAP 12)</p>
CONTEXTOS	<p>“O boia-cross, também conhecido como ‘acqua-ride’, surgiu na década de 1970 no Brasil com a velha brincadeira de descer um rio com a correnteza em câmeras de ar de pneus de automóveis.” (CTAP 33)</p> <p>“Boia-cross é um percurso em corrente de água natural em mini botes infláveis individuais, realizada normalmente em grupo, sem propulsão mecânica. Este esporte é uma derivação da canoagem e do rafting, mas não possui aspecto competitivo. O atleta posiciona-se de peito em um mini bote inflável e realiza a descida da corrente de água, normalmente em rios com níveis I ou II (ver classificação das corredeiras na Unidade 2) e realiza a travessia geralmente em grupos.” (CTAP 33)</p> <p>“O boia-cross é praticado de barriga para baixo, deitando-se sobre a bóia com a cabeça na extremidade frontal da bóia e os pés na parte final da bóia, já praticamente dentro da água, por isso, a correnteza não deve apresentar riscos de colisões para evitar acidentes com os praticantes, que buscam a contemplação da natureza.” (CTAP 33)</p> <p>“A atividade de acqua-ride – acqua, em latim, é água e ride, em inglês, é andar sobre, isto é, andar sobre a água – consiste na descida de rios, sendo ela praticada em equipamento específico para a atividade, que permite a fluabilidade do praticante, que se apoia de braços com a cabeça na extremidade frontal do equipamento e os pés para trás. A atividade similar é o boia-cross, considerada com algumas diferenças por possuir especificidades</p>

	<p>como equipamentos, técnicas e público dentre outras.” (MTUR; ABETA, 2011, p. 47) (CTAP 15)</p> <p>“Bóia-cross descida de rios em um minibote inflável, a pessoa senta-se de costas ou apoia-se de braços, com a cabeça na extremidade frontal da bóia, os pés na parte final da bóia, já praticamente na água. Daí o nome boia-cross. É também conhecida como acqua-ride, cavalgar na água.” (CTAP 46)</p> <p>“Acqua-ride: consiste num esporte individual, no qual são utilizadas corredeiras de rios. Os atletas, de braços ou sentados sobre um material flutuante (bóias de câmara de ar, bóias comuns, minibotes com alças, pranchas infláveis de material plástico, etc.), deixam-se flutuar em velocidade e direcionam o percurso com as mãos. A força dos rios é preponderante nesse esporte, pois é ela que propicia a velocidade.” (TUBINO DO ESPORTE, 2007, p.115)</p> <p>“Bóia-cross: esporte radical que utiliza equipamentos específicos (bóias) ao invés das câmaras de ar para uma descida por cachoeiras e corredeiras de rios. A bóia é controlada durante toda a descida com os braços ao invés de remos. Em determinadas regiões, com rios de muita corredeira, a afluência de turistas amantes do boia-cross altera a calmaria do interior em determinadas épocas do ano.” (VIEIRA, 2003, p. 75)</p>
ESPAÑHOL	
TERMO	Tubing
OUTROS TERMOS	-
DEFINIÇÕES CONTEXTO	<p>“Sección 9 Tubing Art. 84 – Definición – Modalidade turística de aventura que consiste en navegar en la corriente de un río en una embarcación compuesta de piezas de toroidal de caucho. Las piezas en sí se las conoce como “tubos” y pueden estar equipadas con cubiertas para tubos, que pueden ser de la tela y cubrir la parte inferior del tubo y los lados. También tienen una falda que cubre el diámetro interior del tubo dejando un espacio para que el turista pueda sentarse. La navegación puede hacerse de forma individual (cada persona con su tubo) o grupal (varias personas sobre tubos unidos unos a otros con algún mecanismo garantizado de sujeción), dirigidas por guías en embarcaciones paralelas o sobre la misma embarcación grupal.” (CTAE QUE 1)</p> <p>“Tubing: como actualmente se practica en el Ecuador, es la actividad que consiste en navegar en la corriente de el río, con una embarcación compuesta de ‘tubos’ circulares inflables. La navegación puerde hacerse de forma individual (cada visitante en su tubo) o grupal (vários visitantes sobre tubos unidos unos a otros por algún mecanismo de sujección), dirigida por guías en embarcaciones paralelas o sobre la misma embarcación grupal.” (CTAE QUE 2)</p>
NOTA	-
INGLÊS	
TERMO	Tubing (Nz.)
OUTROS TERMOS	-
DEFINIÇÕES CONTEXTO	<p>“Tubing is distinct from commercial rafting. It is a noncommercial activity involving home-made craft, usually comprising truck or tractor tyre tubes. The building of tube rafts is part of the group activity. Building a stable tube raft increases safaty.” (CTAI NZ 1, p. 121)</p>
NOTA	No <i>corpus</i> em inglês, observou-se ser mais frequente uma atividade similar: hidrospeed.

Para a elaboração das definições em Língua Portuguesa, procedeu-se à leitura e análise das definições e contextos, buscando identificar os traços semânticos (características) que descrevem cada termo. Os traços foram inseridos na coluna à direita da definição e cada tipo específico de característica foi indicado com um número diferente. Dessa forma, podem ser visualizadas as características recorrentes e mais importantes de cada termo.

DEFINIÇÕES E CONTEXTOS	TRAÇOS (CARACTERÍSTICAS)
<p>“Boia-cross atividade praticada em um minibote inflável, onde a pessoa se posiciona de bruços para descer o rio, com a cabeça na extremidade frontal da boia e os pés na parte final da boia, já praticamente na água. Também conhecida como acqua-ride.” (CTAP 12)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. minibote inflável 2. pessoa se posiciona de bruços 3. descer o rio
<p>“O boia-cross, também conhecido como ‘acqua-ride’, surgiu na década de 1970 no Brasil com a velha brincadeira de descer um rio com a correnteza em câmaras de ar de pneus de automóveis.” (CTAP 33)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. – 2. – 3. descer um rio 4. câmaras de ar de pneu 5. rio com correnteza
<p>“Boia-cross é um percurso em corrente de água natural em mini botes infláveis individuais, realizada normalmente em grupo, sem propulsão mecânica. Este esporte é uma derivação da canoagem e do rafting, mas não possui aspecto competitivo. O atleta posiciona-se de peito em um mini bote inflável e realiza a descida da corrente de água, normalmente em rios com níveis I ou II (ver classificação das corredeiras na Unidade 2) e realiza a travessia geralmente em grupos.” (CTAP 33)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. minibotes infláveis individuais 2. de peito 3. descida de corrente de água 4. – 5. percurso em corrente de água 6. realizada geralmente em grupo
<p>“O boia-cross é praticado de barriga para baixo, deitando-se sobre a bóia com a cabeça na extremidade frontal da bóia e os pés na parte final da bóia, já praticamente dentro da água, por isso, a correnteza não deve apresentar riscos de colisões para evitar acidentes com os praticantes, que buscam a contemplação da natureza.” (CTAP 33)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. – 2. barriga para baixo 3. – 4. bóia 5. correnteza
<p>“A atividade de acqua-ride – acqua, em latim, é água e ride, em inglês, é andar sobre, isto é, andar sobre a água – consiste na descida de rios, sendo ela praticada em equipamento específico para a atividade, que permite a flutuabilidade do praticante, que se apoia de bruços com a cabeça na extremidade frontal do equipamento e os pés para trás. A atividade similar é o boia-cross, considerada com algumas diferenças por possuir especificidades como equipamentos, técnicas e público dentre outras.” (MTUR; ABETA, 2011, p. 47) (CTAP 15)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. – 2. apoiar-se de bruços 3. descida de rios 4. – 5. – 6. – 7. equipamento específico para a atividade
<p>“Bóia-cross descida de rios em um minibote inflável, a pessoa senta-se de costas ou apoia-se de bruços, com a cabeça na extremidade frontal da bóia, os pés na parte final da bóia, já praticamente na água. Daí o nome boia-cross. É também conhecida como acqua-ride, cavalgar na água.” (CTAP 46)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. minibote inflável 2. sentar-se de costas ou apoiar-se de bruços 3. descida de rios 4. bóia

<p>“Acqua-ride: consiste num esporte individual, no qual são utilizadas corredeiras de rios. Os atletas, de bruços ou sentados sobre um material flutuante (bóias de câmara de ar, bóias comuns, minibotes com alças, pranchas infláveis de material plástico, etc.), deixam-se flutuar em velocidade e direcionam o percurso com as mãos. A força dos rios é preponderante nesse esporte, pois é ela que propicia a velocidade.” (TUBINO DO ESPORTE, 2007, p.115)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. material flutuante (bóias de câmaras de ar, bóias comuns, minibotes com alças, pranchas infláveis) 2. de bruços ou sentados 3. – 4. – 5. corredeiras de rios
<p>“Bóia-cross: esporte radical que utiliza equipamentos específicos (bóias) ao invés das câmaras de ar para uma descida por cachoeiras e corredeiras de rios. A bóia é controlada durante toda a descida com os braços ao invés de remos. Em determinadas regiões, com rios de muita corredeira, a afluência de turistas amantes do boia-cross altera a calmaria do interior em determinadas épocas do ano.” (VIEIRA, 2003, p. 75)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. – 2. – 3. descida por cachoeiras e corredeiras 4. – 5. – 6. – 7. equipamentos específicos (bóias) 8. controle com os braços ao invés de remos.

Abaixo, é possível observar em cada fonte de consulta (F) os traços (T) levantados que contribuíram para a construção da definição:

	T1	T2	T3	T4	T5	T6	T7	T8
F1	mini bote inflável	peessoa se posiciona de bruços	descer o rio	-	-	-	-	-
F2	-	-	descer um rio	câmaras de ar de pneu	rio com correnteza	-	-	-
F3	mini botes infláveis individuais	de peito	descida de corrente de água	-	percurso em corrente de água	realizada geralmente em grupo	-	-
F4	-	barriga para baixo	-	bóia	correnteza	-	-	-
F5	-	apoiar-se de bruços	descida de rios	-	-	-	equipamento específico	-
F6	mini bote inflável	sentar-se de costas ou apoiar-se de bruços	descida de rios	bóia	-	-	-	-
F7	Material flutuante (bóias de câmaras de ar, bóias comuns, minibotes com alças, pranchas infláveis)	de bruços ou sentados	-	-	corredeiras de rios	-	-	-
F8	-	-	Descida por cachoeiras e corredeiras	-	-	-	Equipamentos específicos (bóias)	Controle com os braços ao invés de remos

Com base nos traços semânticos identificados, foi elaborada a seguinte definição:

Descida de rios com correnteza em minibotes infláveis individuais em que o praticante se posiciona de bruços ou sentado, sendo realizada geralmente em grupo.

Após a identificação dos traços semânticos e a elaboração da definição, a equipe adotou um modelo de verbete contendo os seguintes campos: termo entrada, campo temático, categoria gramatical, definição do termo, variantes do termo, Ver. termos relacionados, equivalências em inglês e espanhol, notas sobre o uso do termo, notas sobre equivalência interlinguística e o verbete remissivo, que proporciona ao leitor uma forma de direcionamento do termo variante para o termo principal. Segue abaixo o modelo de verbete (principal e remissivo) adotado:

Verbete remissivo:

[variante] [campo] [categoria gramatical] + [ver] + termo principal

Verbete principal:

Entrada [campo] [categoria gramatical] + [definição] + [variantes] + [ver: termos relacionados]

Equivalente em inglês

Equivalente em espanhol

Nota sobre o termo/equivalência

A seguir, é possível ver esse modelo preenchido com os elementos da ficha terminológica do termo “boia-cross”:

acqua-ride [ativ.] s.m. Ver boia-cross.

acqua-ride [ativ.] s.m. Ver boia-cross.

boia-cross [ativ.] s.m. Descida de rios com correnteza em minibotes infláveis individuais, originada da brincadeira de descer um rio em câmaras de ar de pneus, em que o praticante se posiciona de bruços ou sentado, sendo realizada geralmente em grupo. **Ver:** hidrospeed.

Var.: acqua-ride, acqua ride

Ing.: ≈ tubing (Nz.)

Esp.: ≈ tubing (Equ.)

Nota: Há autores que diferenciam os termos *acqua-ride* e *boia-cross*, sendo o primeiro praticado de bruços e o segundo sentado. Porém, os termos são usados geralmente como sinônimos.

Nota: O termo *tubing*, em inglês e espanhol, é usado para se referir à modalidade menos profissional da atividade, praticada em boias circulares em que o praticante vai sentado.

Como explicado anteriormente, o verbete remissivo direciona o leitor verbete principal, como no caso dos verbetes remissivos dos termos *acqua-ride* e *acqua ride*, que levam o leitor a buscar a informação completa sobre a atividade no verbete principal do termo *boia-cross*, que apresentará a definição, equivalentes em inglês e espanhol e nota sobre o termo.

Essa metodologia foi adotada para a elaboração das definições de todos os termos referentes às atividades esportivas e recreativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo apresentar a metodologia de elaboração das definições das atividades recreativas e esportivas aquáticas que se inserem em um projeto de construção de um Dicionário Trilingue de Turismo.

Inicialmente, foi apresentado o referencial sobre a importância do turismo no papel de propagação do lazer, incluindo as atividades recreativas e esportivas como um de seus elementos. Observou-se que tais atividades de lazer são ofertadas com diferentes finalidades nos segmentos do turismo, tais como o ecoturismo, turismo de esportes, turismo rural e turismo de aventura. Dentro da classificação do turismo de aventura, há a divisão das atividades nos elementos terra, ar e água. Em certos casos, essa divisão é imprecisa, podendo uma atividade envolver um ou mais elementos.

Em relação à metodologia adotada, foram seguidos os preceitos da Terminologia, Terminologia Bilíngue e da Terminografia, por meio de uma pesquisa baseada em *corpus*. A elaboração de um dicionário terminológico exige um processo metodológico preciso e rigoroso tanto no processo de redação de definição quanto na busca de equivalentes em outro idioma como forma de conferir maior credibilidade, qualidade e padronização à obra.

Dessa forma, esta pesquisa pretende contribuir para a elaboração do dicionário, disponibilizando uma fonte de consulta a profissionais e acadêmicos da área.

REFERÊNCIAS

AVENA, Biagio M. **Turismo, Educação e Acolhimento: Um Novo Olhar**. São Paulo: Roca, 2006.

BACAL, Sarah. **Lazer e o Universo dos Possíveis**. São Paulo: Aleph, 2003.

BAKER, Mona. **Corpora in Translation Studies: An Overview and Some Suggestions for Future Research**. Target. 7:2, 1995, p. 223-243.

BARROS, Lidia Almeida. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: Edusp, 2004.

BRASIL. **Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais**. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

BRASIL. **Turismo de Aventura: Orientações Básicas**. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

_____. **Ecoturismo: Orientações Básicas**. 2.ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010a. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Ecoturismo_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf>. Acesso em: 20 set. 2011.

_____. **Turismo de Aventura: Orientações Básicas**. Brasília: Ministério do Turismo, 2010b. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Aventura_Orientaxes_Basicas.pdf>. Acesso em: 20 set. 2011.

BETRÁN, Alberto Oliveira; BETRÁN, Javier Oliveira. Propuesta de una Clasificación Taxonómica de las Actividades Físicas de Aventura en la Naturaleza. Marco Conceptual y Análisis de los Criterios Elegidos. In: **Dossier Las Actividades Físicas de Aventura en la Naturaleza: Análisis Sociocultural**. Apunts: Educación Física y Deportes, Barcelona: Institut Nacional d'Educación Física de Catalunya, n. 41, p. 5-8, jul. 1995.

BOULANGER, J. C. **Convergências e Divergências entre a Lexicografia e a Terminografia**. In: LIMA, M. S, RAMOS, P. C. (Orgs.) (2001). Terminologia e Ensino de Segunda Língua: Canadá e Brasil. Porto Alegre: UFRGS / Núcleo de Estudos Canadenses da UFRGS / ABECAN.

BOUTIN-QUESNEL, R. et. al. **Vocabulaire Systématique de la Terminologie**. Québec: Publications du Québec, 1985.

BUCKLEY, Ralf; UVINHA, Ricardo Ricci. **Turismo de Aventura: Gestão e Atuação Profissional**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Educação para o Lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.

CARVALHO, Nelson Carvalho. **Estudos do Lazer: Uma Introdução**. 3.ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2002.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ISO (ORGANISATION INTERNACIONALE DE NORMALISATION). Norme Internationale 1087: Terminologie – Vocabulaire. Genebra: ISO, 1990.

KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia – Teoria e Prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e Esporte**. Campinas-SP: Editora Autores Associados, 2001.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do Lazer: Uma Introdução**. 3.ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2002.

ROUNDEAU, Guy. **Introduction a la Terminologie**. 2.ed. Québec: Gaëtan Morin, 1984.

SWARBROOKE, John; et al. **Turismo de Aventura: Conceitos e Estudos de Casos**. Campus. Rio de Janeiro/RJ: Elsevier, 2003, p. 368.

VEGA, Miguel Angel. Terminología y Traducción. In: CABRÉ, M. T. (org.) **Jornada Panllatina de Terminologia**. Perspectives i Camps D'aplicació. Barcelona: IULA, 1996.

VILLAVERDE, Sandoval. Refletindo sobre Lazer/Turismo na Natureza, Ética e Relações de Amizade. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa Turini (Org). **Turismo, Lazer e Natureza**. Barueri/SP: Manole, 2003.